

LMS vs PLE: fusão ou choque?

ANA DIAS¹, CARLOS SANTOS², CRISTINA COSTA³, LUÍS BORGES GOUVEIA⁴, LUÍS PEDRO², PAULA PERES⁵, PAULO SIMÕES⁶, SOFIA TORRÃO⁷

¹TecMinho@Universidade do Minho, ²Universidade de Aveiro, ³University of Salford (UK), ⁴Universidade Fernando Pessoa, ⁵ISCAP - Instituto Politécnico do Porto, ⁶Força Aérea Portuguesa, ⁷FEUP – Universidade do Porto

anadias@tecminho.uminho.pt, carlossantos@ua.pt, c.mendesdacosta@salford.ac.uk, lmbg@ufp.edu.pt,
lpedro@ua.pt, p_peres@iscap.ipp.pt, pgsimoes@emfa.pt, storrao@fe.up.pt

RESUMO: Uma vez que a tecnologia não é neutra ao nível dos impactos que produz nos seus diversos contextos de utilização, os autores pretendem contribuir para uma discussão enriquecedora acerca do confronto latente entre tecnologias distintas (LMS vs PLE) e os princípios educativos, também eles diferentes, que lhes estão subjacentes, nomeadamente no contexto do Ensino Superior. Neste sentido este simpósio retoma uma discussão iniciada nas redes sociais sobre estes tópicos e pretende integrar outras visões e opiniões, não estabelecendo fronteiras rígidas em termos das dimensões conceptuais e práticas em que esta discussão é presentemente sentida e/ou necessária.

Na organização deste simpósio estão envolvidas pessoas de diversas instituições e que possuem perspectivas diferentes sobre estas temáticas.

Palavras-chave: LMS, PLE, Universidades, Inovação, Aprendizagem

MODELO DE ORGANIZAÇÃO DO SIMPÓSIO

Este Simpósio vai explorar as relações entre a utilização de LMSs e de PLEs nas instituições de educação e formação, explorando a forma como estas tecnologias de aprendizagem estão a evoluir, de ambientes mais institucionais e do Professor, para ambientes mais pessoais centrados no aluno/indivíduo. Será explorada a questão da fusão e do choque entre plataformas/visões, bem como as questões relacionadas com a "convivência saudável" entre as várias plataformas em uso. O objectivo central da sessão é promover o entendimento mútuo e a troca de boas práticas entre as instituições e pessoas envolvidas.

A sessão será organizada em Português. O simpósio será precedido de uma discussão online, através da realização de um pré-

simpósio nas redes sociais que se iniciará em Setembro 2010. Depois do simpósio no TICeduca 2010 continuaremos a discutir o assunto de forma aberta nas redes sociais.

Resumo – Ana Augusta Silva Dias

As tecnologias de aprendizagem estão a evoluir, de ambientes mais formais, institucionais e do Professor – LMS (Learning Management Systems), para ambientes mais pessoais, web 2.0 e centrados no aluno/pessoa, sendo o PLE (Personal Learning Environments) a expressão dessa centralidade nas escolhas pessoais na aprendizagem.

Os PLEs são tidos como pessoais, ou seja, identificam opções pessoais de aprendizagem, tanto em termos de tecnologias educativas a usar, como em termos de processo e de opções pedagógicas, representando um ambiente mais livre e flexível. Os LMSs representam essencialmente o ambiente institucional, da sala de aula e-learning, do formal, do Professor, da turma, da avaliação das aprendizagens e da respectiva certificação pela instituição.

Parece-nos que os PLEs podem melhor explorar as aprendizagens informais, de formandos adultos e com certa autonomia na aprendizagem, num ambiente escolhido pela pessoa que aprende, com o seu estilo e umas opções de aprendizagem específicas.

Nesta medida até a avaliação/certificação da aprendizagem poderá ser muito mais livre sem fronteiras e radical, entre pares, podendo no entanto levar a uma certificação de competências profissionais (via Quadro Europeu de Qualificações) baseada nos resultados/produções das pessoas e no seu Portefólio de aprendizagem (informal). Mas

quem avalia? o quê? onde? e quem certifica? Como certifica?

A avaliação/ certificação de um curso e-learning formal (via LMS ou via PLE institucional) é algo que tem de seguir critérios rigorosos para que possa ser reconhecido pelo mercado - assim um PLE suportado pela Instituição (a universidade, a empresa, a escola) pode ser útil.

Mas será que a instituição – os professores ou formadores, vão continuar a perseguir e a controlar os alunos/formandos/pessoas que aprendem na Web 2.0 formalmente ou informalmente, dentro ou fora das instituições? Ou será que os aprendentes, nós todos, vamos usar portefólios ou outras tecnologias do género para guardar e partilhar produções que depois podem colocar à consideração de uma instituição que certifique essas aprendizagens?

Num futuro próximo a convivência será com certeza pacífica e existirão soluções de complementaridade, sendo um (o PLE) a extensão do outro (o LMS), ou criando-se um LMS mais orientado à Web 2.0, que embeba as várias perspectivas, mas neste momento muitas questões se levantam e estamos cá para as discutir e explorar.

Resumo – Carlos Santos e Luís Pedro

Se a aprendizagem é vista como um processo de crescimento e desenvolvimento marcadamente partilhado e social, porque é que as tecnologias não potenciam esse efeito e se ultrapassa, em termos conceptuais, o "Personal" em Personal Learning Environment? Ou seja, porque não um "Shared Learning Environment"?

Na mesma linha de raciocínio, porque motivo é que as instituições de ensino, mesmo quando adoptam tecnologias mais abertas e "pessoais", tendem a perpetuar um modelo de organização que colide frontalmente com os pressupostos veiculados por essas tecnologias. Será que as instituições percebem que as tecnologias não são neutras e passam, efectivamente, uma mensagem e que estas contradições são muito visíveis para o "exterior"?

Neste simpósio pretendemos discutir a abordagem do projecto SAPO Campus, uma plataforma integrada de serviços Web 2.0 para o ensino superior, no que diz respeito à sua componente de PLE suportado pela instituição.

Pretendemos reflectir sobre o possível impacto de um *core* tecnológico partilhado por uma comunidade que permite avançar de um conceito de PLE "bolha" para um espaço de aprendizagem com características de partilha entre utilizadores com contextos e interesses de aprendizagem semelhantes (Santos e Pedro, 2010), um ShaPLE (Shared Personal Learning Environment).

Resumo – Luís Borges Gouveia

A crescente adopção do digital e das tecnologias de informação e educação no auxílio ao ensino e aprendizagem tornou prática comum o uso de ferramentas de diferentes graus de sofisticação, em especial no contexto das instituições de ensino superior. As inúmeras experiências pedagógicas que se foram sucedendo deram lugar a respostas mais institucionais de forma a prover plataformas de exploração digital que compreendem desde a partilha de recursos didácticos e o apoio à actividade presencial a iniciativas mais arrojadas de ensino a distância ou em regime misto (Simões e Gouveia, 2009), com actividades que potenciaram uma maior liberdade de alternativas ao uso corrente das práticas pedagógicas no ensino superior e possibilitaram a inovação.

Numa perspectiva de oferta de formação e ofertas de cursos, os LMS (Learning Management Systems), também designados como VLE (Virtual Learning Environment) ou CLE (Collaborative Learning Environment) proporcionaram as respostas mais confortáveis para as instituições que se viram confrontadas com o crescente uso do digital e a sua adopção como formato central da troca de informação e conhecimento no contexto do Sec. XXI. De algum modo, este movimento de adopção dos LMS pelas instituições de ensino superior ocorreu ao mesmo tempo que os utilizadores (sejam docentes ou alunos) se apropriavam da Internet e das múltiplas ferramentas da World Wide Web para lidar com informação e conhecimento (Fernandes e tal, 2009). Nesse contexto, uma perspectiva do lado da procura foi sendo desenvolvida e mostrou-se pouco compatível e às vezes mesmo em conflito com as propostas mais fechadas e institucionais dos LMS.

Assim, os ambientes pessoais de aprendizagem (PLE - Personal Learning Environment) tornaram-se auxiliares capitais para a gestão da informação, como ferramentas

para cada indivíduo fazer senso das inúmeras solicitações que lhe são apresentadas e gerir o seu tempo (Simões e Gouveia, 2009).

Numa primeira fase, LMS e PLE parecem constituir um movimento de transição entre si, mas rapidamente surgem defensores de diferentes posicionamentos e graus de profundidade e integração do seu uso. De facto, entre fusão ou choque, interessa discutir que perspectivas são viáveis e em que casos podem estas ocorrer para suporte de práticas educativas associadas com a rápida transformação que as próprias instituições de ensino superior atravessam.

A própria iniciativa deste simpósio que resultou de um desafio colocado no Facebook demonstra em si o poder de um sistema aberto e distribuído para o qual o ensino superior tem de se preparar e preparar os seus actores.

Resumo – Paula Peres

A utilização de serviços da Web Social em contexto educativo tem vindo a revelar-se como uma prática com potencial para induzir transformações significativas nas metodologias de ensino/aprendizagem utilizadas pelos professores nas instituições de Ensino. Investigações recentes têm demonstrado que a utilização destas ferramentas em contexto educativo pode potenciar o desenvolvimento da comunicação e da partilha e da colaboração entre os membros de uma comunidade de aprendizagem.

O aumento do número de redes sociais na Web como facebook, twitter, plaxo, entre muitas outras impulsiona a reflexão sobre a sua exploração em termos pedagógicos. As tecnologias digitais revolucionaram as formas como ensinamos e aprendemos, onde cada vez mais a aprendizagem informal e ao longo da vida tem o seu espaço. Os hábitos e os costumes dos alunos alteram-se e as escolas não podem ignorar tamanha revolução, necessitando de acompanhar o progresso para se tornarem num lugar de interesse e motivação para os alunos. Não devem resignar-se assistindo os alunos a utilizarem diariamente as tecnologias digitais e a olharem a escola como um local aborrecido completamente desfasado da realidade contemporânea. A escola pode e deve ser um local onde os alunos gostam e precisam de ir, presencialmente ou virtualmente, a fim de participarem num ambiente de agradável

aprendizagem, um local onde todos se sentem motivados a participar activamente.

Seremos nós, enquanto educadores, capazes de responder a tão exigente desafio? Quais os reais riscos e benefícios? Qual o papel das instituições educativas neste processo? Terão as ferramentas como os LMS, os PLE e as tecnologias Web 2.0 o mesmo papel? Cumprem a promessa de promoção da criatividade, da discussão, do envolvimento, participação, colaboração, conhecimento, pensamento crítico, pró-actividade, personalização da aprendizagem e tantas outras?

Com ou sem respostas a estas questões, como será possível conhecer e saber utilizar todas as actuais ferramentas? Este simpósio pretende impulsionar a reflexão e discussão sobre a exploração dos LMS e dos PLE ao serviço da educação, através de uma dinâmica de interacção no qual todos os intervenientes serão convidados a participar.

Resumo – Paulo Simões

A proliferação de ferramentas Web 2.0 tornou a gestão da informação, do ponto de vista do utilizador, um enorme problema. Todos os indivíduos tentam o seu organizar PLE, mesmo que inconscientemente não saibam que o estão a fazer. Cada ferramenta possui uma ou várias finalidades que, muitas vezes, não são devidamente exploradas ou utilizadas de forma concertada.

A organização de um PLE que possibilite a pesquisa, o armazenamento, a agregação e distribuição de informação deve ser um espaço pessoal de conforto para qualquer utilizador e não um emaranhado de ferramentas ou ligações sem qualquernexo.

No contexto educativo formal, com a utilização, cada vez mais disseminada, dos LMS, por um lado e de outros instrumentos de apoio como blogs ou wikis, por outro, urge suscitar a discussão sobre a forma de integrar todas as ferramentas num único espaço.

Será que é possível integrar num único espaço virtual todas as ferramentas, quer sirvam em contexto formal ou não-formal/informal? De que forma? Este simpósio tentará fazer alguma luz sobre esta temática apelando à partilha de experiências de todos os participantes.

Resumo – Sofia Torrão

A tecnologia, as ferramentas, a forma como vemos e usamos a Internet mesmo a nossa postura perante a Rede muda.

Não é propriamente o modo ou como usamos a tecnologia que nos é importante mas sim o que ela pode fazer por nós, no que pode facilitar a nossa vida. Essa é a tecnologia que persiste e que usamos regularmente, em que investimos. No contexto educativo procuramos usar a tecnologia e as ferramentas que nos ajudam chegar mais cedo e mais rápido à informação, a não perder recursos valiosos, a implementar uma determinada estratégia de ensino/aprendizagem, aquelas que são em si próprias transparentes e que estão sempre lá, que facilitam o nosso trabalho mais 'burocrático' e nos deixam tempo livre para pensar, inovar e inventar. É essa escolha pessoal, o escolher uma ferramenta em detrimento de outras que fazemos de forma a produzir e partilhar conhecimento, enquanto aprendemos e ajudamos a aprender.

Os Learning Management Systems — LMS, simplificam e ajudam bastante na estruturação de conteúdos, na realização de tarefas e actividades, à participação em grupo e em comunidade e que ao mesmo tempo permitem uma gestão do espaço virtual não só por parte dos professores ou tutores mas também por parte da própria instituição.

O espaço virtual e pessoal de aprendizagem — PLE, existe com uma perspectiva centrada no utilizador, na escolha pessoal das ferramentas e na sua utilização. Esses espaços virtuais não são, nem podem ser 'institucionalizados', controlados ou mantidos por outros que não os utilizadores, sem que se perca o conceito e identidade do pessoal em PLE.

Será apenas necessário agregar e levar para o LMS mais e melhores ferramentas, ou funcionalidades ou mesmo permitir que os utilizadores juntem no LMS as ferramentas que gostam de utilizar para existir um PLE? Ou devemos sim permitir que o utilizador, o aprendiz, possa escolher e construir o seu PLE e ao mesmo tempo dar garantias que cada um desses PLE consegue comunicar com o LMS institucional?

Neste simpósio pretendemos discutir várias perspectivas e suas implicações, bem como colocar algumas questões em relação à adopção

destas ferramentas no contexto do ensino superior.

Operacionalização

Numa sala com mesas redondas e ambiente informal o simpósio terá início com uma apresentação, baseada num resumo das contribuições do pré-simpósio e a apresentação da actividade prática proposta para o simpósio.

O simpósio tem uma duração prevista de 80 minutos, distribuídos da seguinte forma: 30 minutos apresentações iniciais e explicação da actividade prática; 30 minutos para desenvolvimento da actividade prática; 20 minutos para discussão e conclusões finais.

Actividade prática

A actividade prática deste simpósio consiste num jogo em que todos os presentes devem participar.

Serão distribuídos pelos participantes um conjunto de imagens que representam actividades do dia-a-dia dos aprendentes (alunos, professores, investigadores). Cada participante deve justificar onde é que esse tipo de actividade se pode, ou deve, enquadrar do ponto de vista dos conceitos em discussão (LMS/PLE).

Conclusão

Da troca de opiniões gerada pretende-se construir um diagrama resumo para publicar como resultado final do simpósio e devolver a discussão às redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EBNER M., Lienhardt C. ROHS M., Meyer I (2010) Microblogs in Higher Education - A chance to facilitate informal and process-oriented learning? Computer & Education. Elsevier Science Ltd.
- DICHEV, C., Dicheva, D. & Fischer, J. (2007) Identity: How To Name It, How To Find It. In Workshop Proceedings of the International World Wide Web conference (WWW). Disponível em: http://ceur-ws.org/Vol-249/submission_133.pdf
- DIMITROVA, V., Lau, L. & Bek, A. L. (2008) Sharing of Community Practice through Semantics: A Case Study in Academic Writing. In Proceedings of the International Workshop on Ontologies and

Semantic Web for E-Learning (SWEL),
30-39.

FERNANDES, N.; GOUVEIA, F. and
GOUVEIA, L. (2009) UFP-UV: UFP in
the Sakai Project. In Berg, A. and
Korcuska, M. (2009). Sakai Courseware
Management. The Official Guide. London:
Packt Publishing. ISBN: 1847199402.

SANTOS, C., PEDRO, L. (2010). Bridging the
gap between Open and Social Learning
and institutional supported technologies:
the case of SAPO Campus. In Personal
Learning Environments and Personal
Learning Networks. Canada: Athabasca
University and National Research Council
of Canada (no prelo).

SIMÕES, L. e GOUVEIA, L. (2009) Teaching
on a Web 2.0 Environment. VI
Conferência Internacional de TIC na
Educação - Challenges 2009. Universidade
do Minho. 14 e 15 de Maio, Braga.